

Especial

Com eficácia comprovada em diversos tratamentos, a diminuição do preconceito com relação ao uso da planta traz novas possibilidades para tratamentos de saúde

POR AILIM CABRAL

Em uma volta ao passado, é possível vislumbrar muito do presente e do futuro medicinal da cannabis. Enquanto associações, famílias e cientistas lutam pelo direito de explorar e se beneficiar dos já conhecidos efeitos positivos da planta na saúde, o preconceito e a desinformação ainda atrasam não só o uso como os estudos sobre sua função no organismo.

Mas não foi sempre assim. O uso medicinal dos ativos derivados da cannabis não é novidade. Os primeiros registros de interação entre o ser humano e a planta datam da Idade da Pedra. Cordas feitas pela espécie aparecem em peças chinesas de cerca de 10 mil anos e, segundo estudos arqueológicos, seu plantio se iniciou nas primeiras lavouras.

Os dados históricos divulgados pelo canal Cannabis & Saúde demonstram ainda que o primeiro uso medicinal da cannabis aconteceu por volta de 2.700 antes de Cristo. No livro chinês *Pen Tsao*, a planta é recomendada contra dores articulares, gota e malária. Desde então, são diversos os registros históricos nos quais a cannabis, assim como uma série de outros ativos botânicos, aparece como um fármaco.

A médica Maria Teresa Jacob, pós-graduanda em endocannabinologia, cannabis e cannabinoídeos, membro da Society of Cannabis Clinicians (SCC) e da International Association for Cannabinoid Medicines (IACM), acrescenta que os registros milenares apontam para o uso da cannabis como tratamento de convulsões, enxaquecas e alterações do aparelho reprodutor feminino, como cólicas.



Gabriela com os pais, Adalberto e Keite: depois que a jovem começou a tomar o medicamento, a família teve a primeira noite inteira de sono

Os avanços da cannabis